



CGTP-CC.OO - Projecto: Matriz de Crise

1º Seminário “Como Identificar Sinais de Risco nas Empresas”

10 – 11 de Novembro de 2005

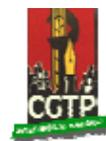
O Futuro das Industrias Têxteis, Vestuário e Calçado na Europa e em Portugal

Comunicação de:

Manuel Freitas
Coordenador da FESETE



FESETE



CGTP/IN



FESETE

**FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DOS TRABALHADORES TÊXTEIS,
LANIFÍCIOS, VESTUÁRIO, CALÇADO E PELES DE PORTUGAL**

A Importância das ITVC na União Europeia

As Indústrias Têxteis, Vestuário e Calçado europeias (ITVC), a viver há alguns anos um processo de redefinição da sua estrutura produtiva, continuam a ser uma parte importante da Indústria Transformadora Europeia (ITE). Segundo dados do Eurostat, se considerarmos a União Europeia a vinte e cinco países mais a Bulgária e a Roménia, países candidatos e próximos de adesão à U.E., as ITVC ocupam cerca de quatro milhões de trabalhadores e contribuem com um valor acrescentado de aproximadamente setenta e oito mil milhões de euros. Na U.E., a vinte e cinco países as ITVC ocupam cerca de 8% dos trabalhadores da I.T.E. e cerca de 5% do valor acrescentado da I.T.E..

Analisando agora as ITVC por cada um dos 27 países considerados (25 países da U.E., mais países candidatos, Bulgária e Roménia), podemos verificar uma ordenação por dimensão relativa que a Itália se situa no primeiro lugar, Espanha no quinto lugar no valor acrescentado e no quarto lugar no número de trabalhadores e Portugal no sexto lugar no valor acrescentado e quinto lugar no número de trabalhadores, Quadro N° 1.

Quadro N° 1
Dimensão das I.T.V.C. por País

| Países | Valor Acrescentado | | | Trabalhadores | | |
|---|---------------------------------|----------------------------------|------------|---------------------------------|------------------------------|------------|
| | Ordenação por Dimensão Relativa | Valor absoluto (em milhões de €) | Cota % | Ordenação por Dimensão Relativa | Valor absoluto (em milhares) | Cota % |
| Itália (IT) | 1 | 25.193 | 32,2 | 1 | 809 | 20,4 |
| Roménia (RO) | 11 | 1.231 | 1,6 | 2 | 532 | 13,4 |
| Polónia (PL) | 7 | 2.962 | 3,8 | 3 | 428 | 10,8 |
| Espanha (ES) | 5 | 6.870 | 8,8 | 4 | 315 | 7,9 |
| Portugal(PT) | 6 | 3.301 | 4,2 | 5 | 294 | 7,4 |
| França (FR) | 4 | 8.949 | 11,4 | 6 | 260 | 6,5 |
| Alemanha(DE) | 3 | 8.964 | 11,5 | 7 | 239 | 6,0 |
| Reino Unido (UK) | 2 | 9.142 | 11,7 | 8 | 230 | 5,8 |
| Bulgária (BG) | 20 | 297 | 0,4 | 9 | 179 | 4,5 |
| República Checa (CZ) | 13 | 853 | 1,1 | 10 | 144 | 3,6 |
| Hungria (HU) | 15 | 614 | 0,8 | 11 | 122 | 3,1 |
| República Eslovena (SK) | 21 | 275 | 0,4 | 12 | 66 | 1,7 |
| Lituânia (LT) | 22 | 240 | 0,3 | 13 | 64 | 1,6 |
| Bélgica (BE) | 8 | 2.513 | 3,2 | 14 | 56 | 1,4 |
| Grécia (EL) | 12 | 981 | 1,3 | 15 | 40 | 1,0 |
| Áustria (AT) | 9 | 1.409 | 1,8 | 16 | 37 | 0,9 |
| Países Baixos (NL) | 10 | 1.235 | 1,6 | 17 | 32 | 0,8 |
| Letónia (LV) | 23 | 180 | 0,2 | 18 | 29 | 0,7 |
| Estónia (EE) | 25 | 153 | 0,2 | 19 | 25 | 0,6 |
| Dinamarca (DK) | 14 | 664 | 0,8 | 20 | 16 | 0,4 |
| Finlândia (FI) | 16 | 562 | 0,7 | 21 | 16 | 0,4 |
| Suécia (SE) | 17 | 506 | 0,6 | 22 | 16 | 0,4 |
| Irlanda (IE) | 19 | 358 | 0,5 | 23 | 12 | 0,3 |
| Chipre (CY) | 27 | 64 | 0,1 | 24 | 5 | 0,1 |
| Malta (MT) | 26 | 85 | 0,1 | 25 | 5 | 0,1 |
| Luxemburgo (LU) | 24 | 162 | 0,2 | 26 | 1 | 0,0 |
| Eslovénia(SL) | 18 | 416 | 0,5 | 27 | .. | .. |
| Total 25 países UE + 2 próximos à adesão (RO e BG) | .. | 78.179 | 100 | .. | 3.972 | 100 |

Fonte: elaborações ISF sobre dados Eurostat

Se analisarmos a comparação das ITVC por macro áreas da U.E.(Quadro Nº 2); U.E. a 15 países, os dez novos países que aderiram recentemente, a U.E. a vinte e cinco países e os dois próximos a aderir a U.E. (Roménia e Bulgária) podemos verificar o peso relativo das ITVC de cada uma destas macro áreas da U.E..

Quadro Nº 2
A Configuração das I.T.V.C. por macro áreas da União Europeia

Valor acrescentado (em milhões de €) e trabalhadores (em milhares)

| Macro áreas da U.E. | Têxtil | | Vestuário | | Peles e Calçado | | Total ITVC | |
|---|--------------------|---------------|--------------------|---------------|--------------------|---------------|--------------------|---------------|
| | Valor Acrescentado | Trabalhadores |
| Primeiros 15 países da adesão UE | 35.341 | 1.029 | 22.769 | 890 | 12.694 | 452 | 70.804 | 2.371 |
| Os 10 países da nova adesão | 2.419 | 286 | 2.581 | 464 | 843 | 135 | 5.843 | 885 |
| Total 25 países | 37.760 | 1.315 | 25.350 | 1.354 | 13.537 | 587 | 76.647 | 3.256 |
| Os dois países próximos à adesão | 367 | 140 | 899 | 440 | 262 | 131 | 1.528 | 711 |
| Total UE-27 | 38.127 | 1.455 | 26.249 | 1.794 | 13.799 | 718 | 78.175 | 3.967 |
| | Cota % | | | | | | | |
| Primeiros 15 países adesão UE | 92,7 | 70,7 | 86,7 | 49,6 | 92,0 | 63,0 | 90,6 | 59,8 |
| Os 10 países da nova adesão | 6,3 | 19,7 | 9,8 | 25,9 | 6,1 | 18,8 | 7,5 | 22,3 |
| Total 25 países | 99,0 | 90,4 | 96,6 | 75,5 | 98,1 | 81,8 | 98,0 | 82,1 |
| Os dois países próximos a adesão | 1,0 | 9,6 | 3,4 | 24,5 | 1,9 | 18,2 | 2,0 | 17,9 |
| Total UE-27 | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 |

Fonte: elaborações ISF sobre dados Eurostat

Podemos constatar no Quadro Nº 2, que na produção do valor acrescentado a U.E., a 15 países tem um peso determinante, 93% na têxtil, 87% no vestuário e 92% nas peles e calçado. Já no que respeita ao emprego o peso na U.E. a 15 países é menor, sendo o vestuário apenas de 50% do total da futura U.E. a 27 países.

A partir de uma combinação de indicadores relativamente à média da U.E. a 15 países, Quadro Nº 3, concluiu-se que nas Indústrias Têxteis e Vestuário (ITV) a Itália, o Reino Unido, a Alemanha, a França, a Bélgica, a Espanha e Portugal, são os mais relevantes.

Quadro Nº 3

| PAÍSES MEMBROS | % do V. Neg. da U.E. | % emprego TV na IT | % emprego TV na U.E. | % das exportações TV na U.E. |
|----------------|----------------------|--------------------|----------------------|------------------------------|
| Austria | 1,7 | 4,7 | 1,4 | 2,5 |
| Belgica | 4,5 | 8,0 | 2,5 | 10,6 |
| Dinamarca | 0,9 | 2,9 | 0,6 | 1,8 |
| Finlândia | 0,6 | 2,6 | 0,5 | --- |
| França | 14,4 | 5,3 | 9,6 | 12,5 |
| Alemanha | 12,1 | 2,6 | 8,9 | 20,5 |
| Grécia | 1,2 | 15,0 | 2,0 | 1,3 |
| Irlanda | 0,4 | 4,1 | 0,5 | --- |
| Itália | 34,8 | 12,8 | 29,3 | 25,8 |
| Holanda | 2,0 | 2,9 | 1,2 | 5,4 |
| Portugal | 3,9 | 27,1 | 10,6 | 4,4 |
| Espanha | 8,2 | 9,4 | 11,4 | 5,1 |
| Súécia | 0,7 | 1,7 | 0,6 | --- |
| Reino Unido | 10,4 | 5,5 | 10,1 | 8,5 |
| UE 15 | 100,0 | 7,4 | 100,0 | 100,0 |

Fonte: Consolidated Report – “2005 T/C Liberalisation” IFM and partners, Feb.2004

Em primeiro lugar nas ITV temos a Itália, concentrando 34,8% do volume de negócios, cerca de 29% no volume de emprego e 26% das exportações. Portugal representa cerca de 4% do volume de negócios, 11% do emprego e 4% nas exportações. A Espanha representa 8,2% do volume de negócios, 11% no emprego e 5% nas exportações.

Analisando de seguida com igual combinação de indicadores os dez novos países membros da U.E., Quadro Nº 4, verificamos que ao nível do volume de negócios assume pouca relevância. No entanto, em termos de emprego relativamente à IT desses países, os dados são já significativos.

Quadro Nº 4

| NOVOS PAÍSES MEMBROS | % do V. Neg. da U.E. | % emprego TV na IT | % emprego TV na U.E. | % das exportações TV na U.E. |
|----------------------|----------------------|--------------------|----------------------|------------------------------|
| Republica Checa | 1,2 | 8,9 | 4,4 | 1,5 |
| Estónia | 0,2 | 19,8 | 0,8 | --- |
| Hungria | 0,7 | 12,8 | 3,6 | 1,3 |
| Lituânia | 0,3 | 24,5 | 2,1 | 0,6 |
| Letónia | 0,1 | 16,5 | 0,9 | 0,1 |
| Polónia | 2,3 | 11,8 | 9,6 | 2,2 |
| Eslovénia | 0,6 | 12,6 | 1,0 | 0,6 |
| República Eslovaca | 0,2 | 11,8 | 1,7 | 0,8 |
| UE 25 | 100,0 | 8,2 | 100,0 | 100,0 |

Fonte: Consolidated Report – “2005 T/C Liberalisation” IFM and partners, Feb.2004

Na análise das I.T.V. importa ainda considerar a geografia dos intercâmbios comerciais, antes da liberalização dos mercados, em 1 de Janeiro de 2005, Quadro N° 5. Assim vamos analisar as importações e exportações entre 1999 e 2003 no mercado mundial.

Quadro N° 5

Geografia dos intercâmbios comerciais no têxtil vestuário (dados em percentagem sobre o total mundo)

| | Importações | | Exportações | |
|---------------------------|-------------|-------------|-------------|-----------|
| | 1999 | 2003 | 1999 | 2003 |
| UE 25 | 37,9 | 37,3 | 32,8 | 31 |
| Europa Centro Oriental | 1,8 | 3,2 | 1,6 | 2,2 |
| Outros países europeus | 2,5 | 2,5 | 3,1 | 3,7 |
| América do Norte | 22,3 | 22,6 | 6,2 | 4,9 |
| América centro meridional | 5,9 | 4,8 | 6,6 | 5,7 |
| África Setentrional | 1,4 | 1,4 | 1,8 | 1,8 |
| Outros países africanos | 0,9 | 1,1 | 0,6 | 0,7 |
| Médio Oriente | 1,8 | 2,1 | 0,8 | 0,8 |
| Ásia central | 1,2 | 1,3 | 5,8 | 6,2 |
| Ásia oriental | 22,9 | 22,1 | 40,1 | 42,5 |
| Oceânia | 1,3 | 1,2 | 0,6 | 0,5 |
| UE 15 | 35,5 | 34,6 | 30,5 | 28,7 |
| UE 10 | 2,5 | 2,7 | 2,2 | 2,2 |
| Mundo | 100 | 100 | 100 | 100 |

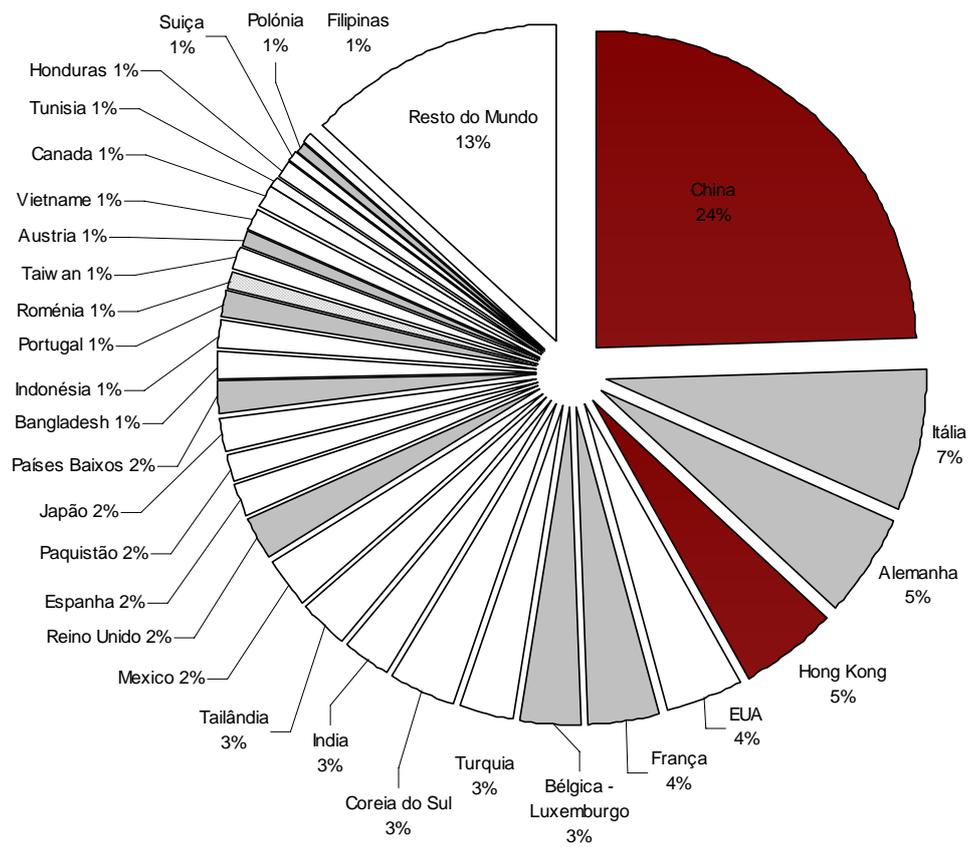
Fonte: Fonte: elaborações IFS sobre dados ICE, Eurostat, Istat

Como se pode verificar no Quadro N° 5 no que respeita às importações o mercado da U.E. é o mais importante, 37,9% das importações mundiais, seguido da Ásia Oriental e América do Norte. Já ao nível das exportações a Ásia Oriental ocupa o primeiro lugar 42,5%, a U.E. o segundo lugar com 31%. Estas duas regiões dominam quase três quartos das exportações mundiais.

Se continuarmos a nossa análise das exportações das ITV, considerando, agora, não as regiões, mas os principais países exportadores, Gráfico N° 1, temos em primeiro lugar a China com 24,4% das exportações mundiais, segue-se a Itália com 7,3%, a Alemanha com 5,3%, Hong-Kong (hoje integrado na China) com 4,9%; Estados Unidos da América com 3,9% e a França com 3,5%. Portugal aparece em vigésimo lugar com 1,3% das exportações mundiais.

Gráfico N° 1
Os principais países exportadores de Têxteis e Vestuário

(dados em percentagem sobre o total mundial)



Fonte: Elaboraões IFS sobre dados ICE, Eurostat

Os Maiores Exportadores de Calçado

Ao nível do Calçado, a nossa posição na lista dos maiores exportadores de calçado, segundo dados publicados pela Associação Portuguesa das Indústrias de Calçado (APICCAPS) referente a 2002, Quadro Nº 6, Portugal ocupa o nono lugar no ranking mundial dos exportadores onde o primeiro lugar é ocupado pela China, o segundo pela Itália, o terceiro por Hong-Kong e o quarto pela Espanha. De relevar ainda o peso das exportações do calçado português, 5,35% do total das exportações do País. Ao nível da U.E. Portugal é o quinto exportador de calçado, sendo o primeiro lugar da Itália e o segundo lugar da Espanha.

Quadro Nº 6

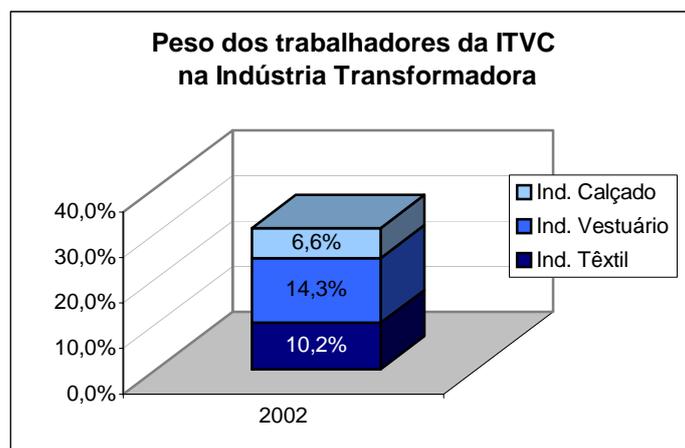
| Lista dos Maiores Exportadores de Calçado | | | |
|---|----------------|--------------------|-------------------------------|
| Valor: Milhares Dólares | | | |
| País | Exportações | Exportações totais | Quota nas Exportações do País |
| China / China | 10.680.640.160 | 325.595.856.896 | 3,28% |
| Italy / Itália | 6.508.596.864 | 254.501.371.904 | 2,56% |
| Hong-Kong / Hong-Kong | 5.466.337.312 | 201.927.720.960 | 2,71% |
| Spain / Espanha | 2.023.968.776 | 125.872.193.536 | 1,61% |
| Vietnam / Vietname | 1.913.005.056 | 16.706.112.512 | 11,45% |
| Belgium / Bélgica | 1.841.706.975 | 215.795.679.232 | 0,85% |
| Germany / Alemanha | 1.469.489.952 | 592.674.553.856 | 0,25% |
| Brazil / Brasil | 1.448.900.816 | 60.361.764.864 | 2,40% |
| Portugal / Portugal | 1.417.433.096 | 26.484.975.616 | 5,35% |
| Indonesia / Indonésia | 1.115.064.066 | 57.158.717.440 | 1,95% |
| France / França | 933.156.416 | 304.893.329.408 | 0,31% |
| Thailand / Tailândia | 787.939.741 | 80.330.915.840 | 0,98% |
| Romania / Roménia | 754.772.000 | 13.875.708.928 | 5,44% |
| Netherlands / Holanda | 742.553.284 | 175.385.182.208 | 0,42% |
| U. Kingdom. / Reino Unido | 639.087.848 | 288.646.627.328 | 0,22% |
| USA / Estados Unidos | 514.938.736 | 693.222.244.352 | 0,07% |
| Austria / Áustria | 505.098.624 | 67.681.701.888 | 0,75% |
| India / Índia | 431.107.648 | 52.471.439.360 | 0,82% |
| Denmark / Dinamarca | 305.499.633 | 55.685.472.256 | 0,55% |
| Mexico / México | 254.835.296 | 160.669.859.840 | 0,16% |
| Hungary / Hungria | 251.561.992 | 34.336.583.680 | 0,73% |
| South Korea / Coreia do Sul | 250.440.032 | 162.466.054.144 | 0,15% |
| Slovakia / Eslováquia | 227.790.600 | 14.475.767.808 | 1,57% |
| Poland / Polónia | 212.001.000 | 40.253.902.848 | 0,53% |

Fonte: APICCAPS

Enquadramento da ITVC em Portugal

A Indústria Têxtil e do Vestuário (ITVC) é uma indústria com uma importância crucial para a economia portuguesa. Estas indústrias são, no seu conjunto, responsáveis por cerca de 31,1% dos trabalhadores da Indústria Transformadora, Gráfico N° 2.

Gráfico N° 2

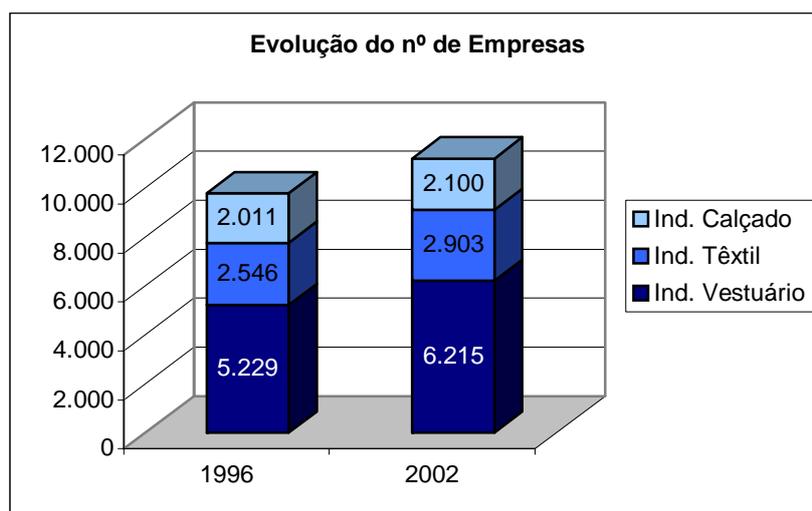


Fonte: Ministério da Segurança Social e do Trabalho (MSST)

Empresas e Estrutura empresarial

Em 2002, existiam 11.218 empresas de ITVC, Gráfico N° 3, sendo que destas, 6.215 empresas eram da Indústria do Vestuário, 2.903 da Indústria Têxtil e 2.100 da Indústria do Calçado.

Gráfico N° 3

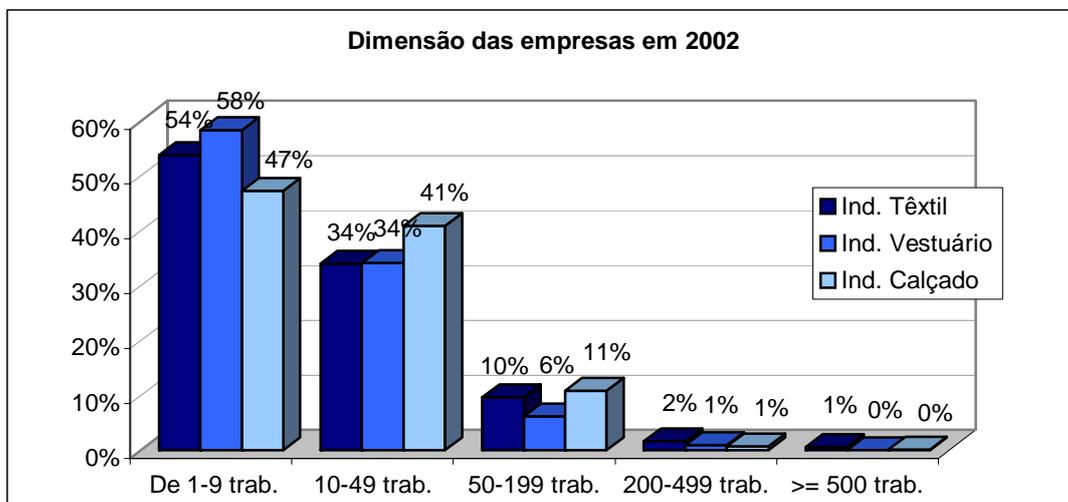


Fonte: Ministério da Segurança Social e do Trabalho (MSST)

Ao longo dos últimos anos aumentou, em termos líquidos, nas ITVC o número de empresas a laborar. Este aumento é particularmente relevante no que diz respeito ao sector do Vestuário.

Quanto à estrutura empresarial, Gráfico N° 4, o que se constata é que a ITVC nacional é composta maioritariamente por micro e PMEs.

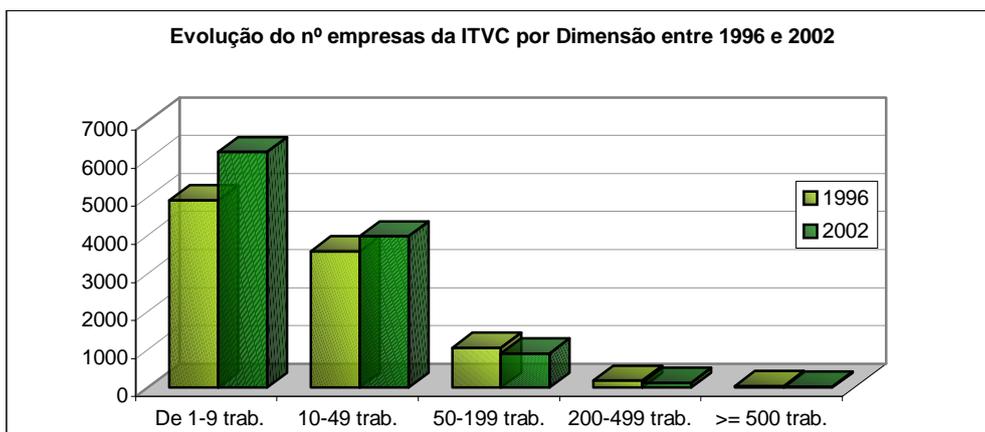
Gráfico N° 4



Fonte: Ministério da Segurança Social e do Trabalho (MSST)

Na verdade, a ultima década foi a década de afirmação da importância das micro e PMEs nestas indústrias, Gráfico N° 5. Claramente, ao longo dos últimos anos, foram desaparecendo as grandes unidades industriais e sendo criadas novas empresas de pequena dimensão (ou seja, verifica-se, quer na Têxtil, quer no Vestuário, um aumento de micro empresas com menos de 10 trabalhadores e de pequenas empresas até 49 trabalhadores, e uma redução de empresas de maior dimensão). Em ambas as indústrias a maioria das empresas a laborar são micro-empresas, com menos de 10 trabalhadores. Em 2002, cerca de 91% das empresas têm menos de 49 trabalhadores e as empresas com mais de 200 trabalhadores tem um peso relativo muito pouco significativo.

Gráfico N° 5



Fonte: Ministério da Segurança Social e do Trabalho (MSST)

Quanto à distribuição geográfica, Quadro N° 7, as empresas das ITVC concentram-se no Norte do país. Se bem que o Centro do País, e a região de Lisboa e Vale do Tejo detenham ainda alguma importância, esta é bastante menor. Cerca de 75% das empresas estão implementadas no Norte do país e a tendência é de aumento da importância desta região. Nos últimos anos, o peso das empresas no Norte tem vindo a aumentar relativamente ao resto do país, sendo cada vez mais claro que Porto e Braga se afirmam como os distritos mais importantes.

Quadro N° 7

| | Indústria Têxtil | | Indústria do Vestuário | | Indústria do Calçado | |
|-----------------------|------------------|--------|------------------------|--------|----------------------|--------|
| | 1998 | 2002 | 1998 | 2002 | 1998 | 2002 |
| Norte | 69,60% | 74,90% | 70,20% | 76,70% | 81,87% | 85,94% |
| Centro | 10,00% | 14,40% | 7,90% | 10,10% | 3,07% | 9,08% |
| Lisboa e Vale do Tejo | 17,10% | 8,40% | 19,70% | 11,80% | 14,02% | 3,86% |
| Alentejo | 2,20% | 1,70% | 1,50% | 1,00% | 0,68% | 0,94% |
| Algarve | 1,00% | 0,60% | 0,70% | 0,40% | 0,36% | 0,18% |
| Portugal (continente) | 100% | 100% | 100% | 100% | 100% | 100% |

Fonte: Instituto Nacional de Estatística (INE), Estatísticas das Empresas

Emprego e Mercado Laboral nas ITVC

A ITVC emprega, em 2002, cerca de 247.421 trabalhadores, dos quais cerca de 81.374 são trabalhadores da Indústria Têxtil, 113.662 são trabalhadores da Indústria Vestuário e 52.385 são da Indústria do Calçado, Quadro N° 8.

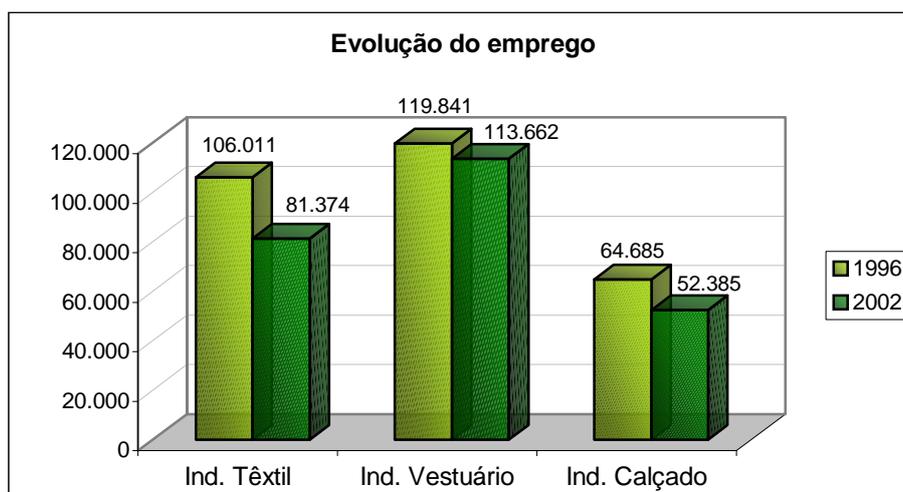
Quadro N° 8

| N° Trabalhadores | 1996 | 2002 |
|------------------|---------|---------|
| Ind. Têxtil | 106.011 | 81.374 |
| Ind. Vestuário | 119.841 | 113.662 |
| Ind. Calçado | 64.685 | 52.385 |
| ITVC | 290.537 | 247.421 |

Fonte: Ministério da Segurança Social e do Trabalho (MSST)

Ao longo dos últimos anos, tem-se verificado uma perda líquida de postos de trabalho, mais significativa na Têxtil, Gráfico N° 6. Este redimensionamento da Indústria Têxtil tem ocorrido por razões concorrenciais, de competitividade e de ordem tecnológica, dando origem a processos de adaptação e reestruturação. Nos últimos anos, o Vestuário tomou o lugar do Têxtil como sector preponderante. Actualmente, o Vestuário é o sector que mais contribui para o emprego na Indústria Transformadora.

Gráfico Nº 6



Fonte: Ministério da Segurança Social e do Trabalho (MSST)

O Género nas ITVC

A maioria dos trabalhadores da ITVC portuguesa são mulheres, Gráficos Nºs 7, 8 e 9. A taxa de feminização é superior no Vestuário, atingindo quase os 90%.

Gráfico Nº 7

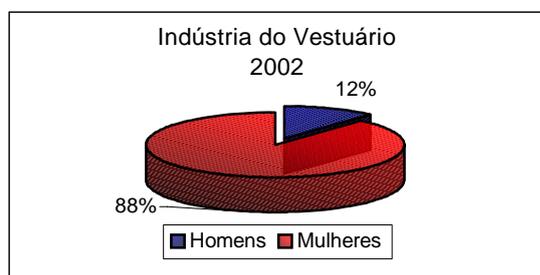


Gráfico Nº 8

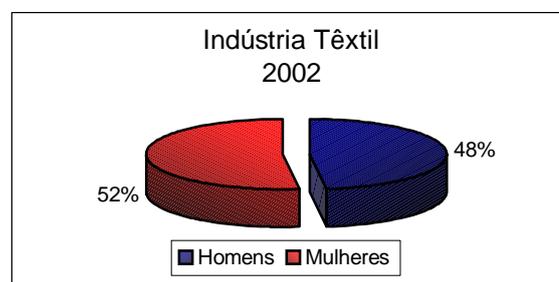
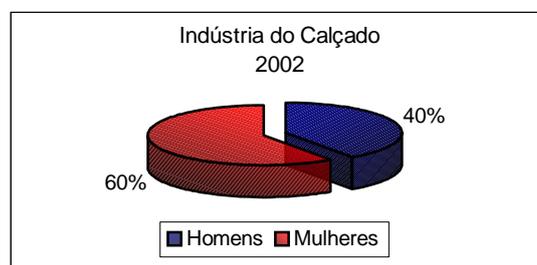


Gráfico Nº 9



Fonte: Ministério da Segurança Social e do Trabalho (MSST)

Distribuição do Emprego pela Dimensão das Empresas

Relativamente à distribuição do emprego segundo a dimensão das empresas, verificamos que o emprego tende a concentrar-se nas empresas de maior dimensão, Quadro N° 9.

Quadro N° 9

| | 1996 | 2002 |
|-------------------------------|--------|--------|
| Indústria Têxtil | | |
| Até 9 | 5.126 | 6.317 |
| de 10 a 49 trab. | 19.375 | 21.116 |
| de 50 a 199 trab | 34.787 | 26.502 |
| de 200 a 499 trab | 23.916 | 13.729 |
| 500 e mais | 22.621 | 13.186 |
| Indústria do Vestuário | | |
| Até 9 | 11.030 | 14.330 |
| de 10 a 49 trab. | 41.016 | 45.871 |
| de 50 a 199 trab | 39.995 | 34.049 |
| de 200 a 499 trab | 22.789 | 16.469 |
| 500 e mais | 6.405 | 3.572 |
| Indústria do Calçado | | |
| Até 9 | 3.969 | 4.334 |
| de 10 a 49 trab. | 18.829 | 18.398 |
| de 50 a 199 trab | 21.114 | 19.771 |
| de 200 a 499 trab | 7.085 | 5.009 |
| 500 e mais | 12.984 | 4.801 |

Fonte: Instituto Nacional de Estatística (INE), Estatísticas das Empresas

A tendência, contudo, é a da diminuição de postos de trabalho nas grandes unidades industriais e da criação de emprego nas empresas de menor dimensão.

Analisando a distribuição do emprego nos principais distritos do país, Quadro N° 10, constatamos que para a Indústria Têxtil e para a Indústria do Vestuário os principais empregadores são Braga e Porto, e para a Indústria do Calçado os principais empregadores são os distritos de Aveiro e Porto.

Quadro N° 10

| 2002 | Ind. Têxtil | Ind. Vestuário | Ind. Calçado |
|----------------|---------------|----------------|---------------|
| Aveiro | 5,79% | 3,89% | 40,60% |
| <i>Braga</i> | <i>53,08%</i> | <i>38,15%</i> | <i>13,37%</i> |
| Castelo Branco | 4,02% | 4,26% | 0,08% |
| Guarda | 2,54% | 0,57% | 1,34% |
| Porto | 23,78% | 36,10% | 35,44% |
| Resto do país | 10,79% | 17,04% | 9,18% |
| Total | 100% | 100% | 100% |

Fonte: Instituto Nacional de Estatística (INE), Estatísticas das Empresas

A evolução mais recente do desemprego

De acordo com os dados mais recentes do Observatório da FESETE, Quadro N° 11, entre 2000 e Setembro de 2004, foram registadas 514 empresas em dificuldade envolvendo cerca de 45.363 trabalhadores. De acordo com os quadros seguintes podemos constatar o impacto destas dificuldades ao nível das regiões, dos trabalhadores envolvidos e dos respectivos sectores.

Quadro N° 11
N° de empresas em dificuldade e trabalhadores envolvidos
por Distrito entre 2000 e Setembro de 2004

| Distrito | N° de empresas | % | N° de trab. Envolvidos | % |
|------------------|----------------|----|------------------------|-----|
| Viana do Castelo | 9 | 2 | 717 | 2 |
| Braga | 168 | 33 | 8.666 | 19 |
| Vila Real | 1 | | 120 | |
| Porto | 109 | 21 | 12.666 | 28 |
| Aveiro | 95 | 18 | 7.146 | 16 |
| Guarda/Viseu | 28 | 5 | 3.705 | 8 |
| Castelo Branco | 47 | 9 | 4.854 | 11 |
| Coimbra | 22 | 4 | 2.021 | 4 |
| Leiria | 7 | 1 | 880 | 2 |
| Santarém | 1 | | 70 | |
| Portalegre | 1 | | 400 | 1 |
| Lisboa | 15 | 3 | 2.382 | 5 |
| Setúbal | 11 | 2 | 1.736 | 4 |
| Total | 514 | 98 | 45.363 | 100 |

Fonte: Gab. Estudos FESETE

O Distrito de Braga é o mais afectado ao nível das empresas em dificuldade, mas se olharmos para o número de trabalhadores envolvidos o Distrito do Porto aparece em primeiro lugar. Ambos os distritos pertencem à região Norte, a região mais importante para estes sectores. Embora menos, Aveiro, Guarda/ Viseu e Castelo Branco são também distritos afectados.

Considerando os sectores de actividade, Quadro N° 12, o vestuário é o mais afectado (em que quase 30% das empresas em dificuldade pertencem a este sector), seguindo-se o calçado, as malhas e a têxtil .

Quadro N° 12

N° de empresas em dificuldade
por sector entre 2000 e Setembro de 2004

| Sector | N° empresas | % |
|-------------------------|-------------|----|
| Vestuário | 150 | 29 |
| Calçado | 133 | 26 |
| Têxtil | 49 | 10 |
| Malhas | 63 | 12 |
| Têxteis-Lar | 11 | 2 |
| Lanifícios | 23 | 4 |
| Cordoaria | 1 | |
| Curtumes | 1 | |
| Sector não especificado | 88 | 16 |
| Total | 514 | 99 |

Fonte: Gab. Estudos FESETE

Por outro lado, o registo de trabalhadores enviados para o desemprego, Quadro N° 13, segundo o capital das empresas - nacional, estrangeiro e multinacional - releva que o peso da responsabilidade das empresas de capital estrangeiro e multinacional é de cerca de 29%.

Quadro N° 13

Trabalhadores despedidos pela origem do capital das empresas
entre 2000 e Setembro de 2004

| Capital das empresas | N° Trab. despedidos | % |
|----------------------|------------------------|-----|
| Nacional | 20.554 | 71 |
| Multinacional | 6.910 | 24 |
| Estrangeiro | 1.536 | 5 |
| Total | 29.000 | 100 |

Fonte: Gab. Estudos FESETE

Características dos trabalhadores da ITVC

Estrutura Etária

Analisando a estrutura etária entre 1996 e 2002, Gráficos N°s 10 e 11, constatamos que a maioria dos trabalhadores se concentra na faixa etária dos 25 aos 34 e dos 35 aos 44 anos. Nos últimos anos verifica-se, por um lado, que o emprego diminui sobretudo nas idades mais jovens (especialmente dos 15 aos 24) e, por outro lado, verifica-se o aumento do peso relativo dos trabalhadores das faixas etárias mais elevadas. Isto é, embora a ITV apresente uma estrutura etária mais jovem do que a média da Indústria Transformadora, constata-se uma tendência para o envelhecimento dos trabalhadores das ITVC, existindo dificuldades de manutenção e captação de trabalhadores mais jovens.

Gráfico N° 10

Estrutura etária em 1996

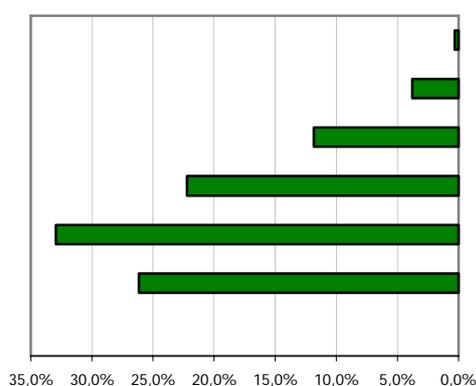
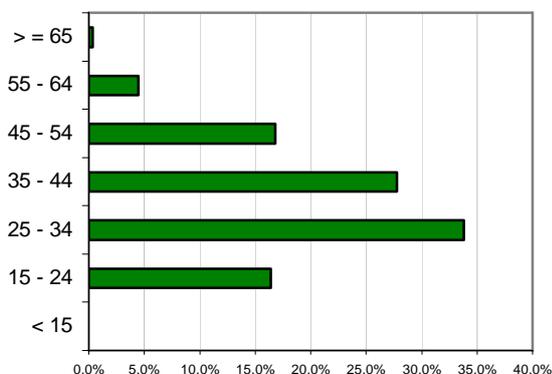


Gráfico N° 11

Estrutura Etária em 2002

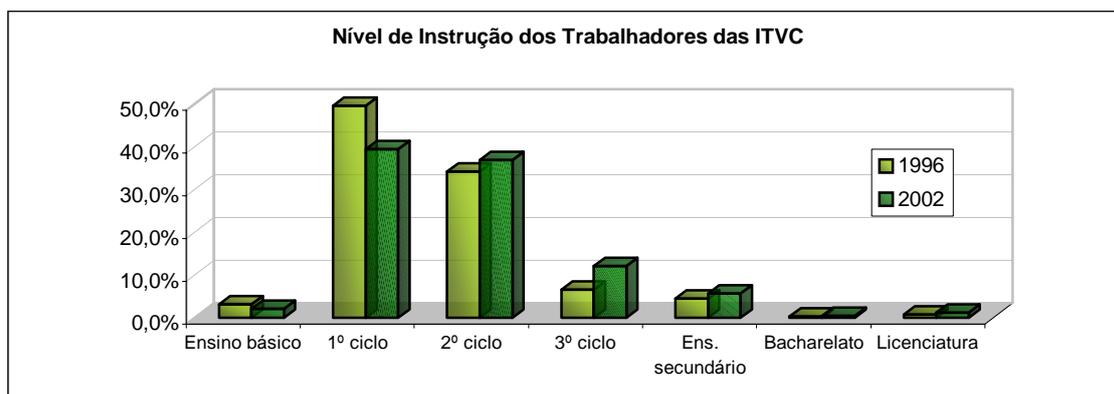


Fonte: Ministério da Segurança Social e do Trabalho (MSST)

Níveis de Escolaridade

Quanto à instrução, verifica-se que quase que a maioria dos trabalhadores têm instrução até a 1º ciclo (39,1% dos trabalhadores só tem o 1º ciclo), sendo que aqueles com instrução média e superior são muito pouco significativos, Gráfico N° 12. Não obstante, assinala-se uma tendência para o aumento da instrução dos trabalhadores, com uma redução do peso relativo dos trabalhadores com níveis de instrução inferiores e um aumento do peso relativo dos trabalhadores com níveis médios de instrução.

Gráfico N° 12

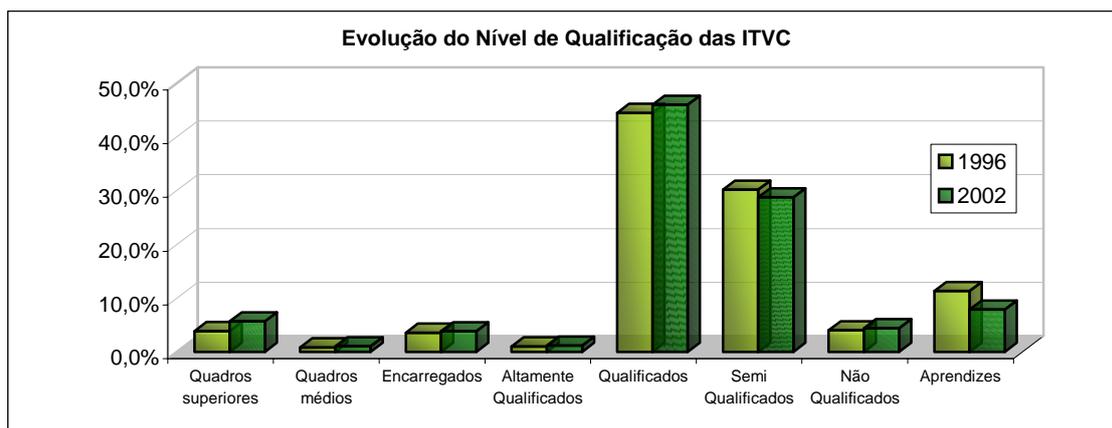


Fonte: Ministério da Segurança Social e do Trabalho (MSST)

Níveis de Qualificação

Relativamente ao nível de qualificação dos trabalhadores, Gráfico N° 13, constata-se que a grande maioria detém apenas até ao nível de trabalhadores qualificado, predominando os profissionais qualificados (cerca de 46%) e os profissionais semi-qualificados (cerca de 28,7%). Os quadros médios e superiores são reduzidos, correspondendo a 5,7% do total dos trabalhadores. Verifica-se, no entanto, que nos últimos anos existe uma tendência para a ligeira melhoria dos níveis de qualificação (embora pouco significativa).

Gráfico N° 13



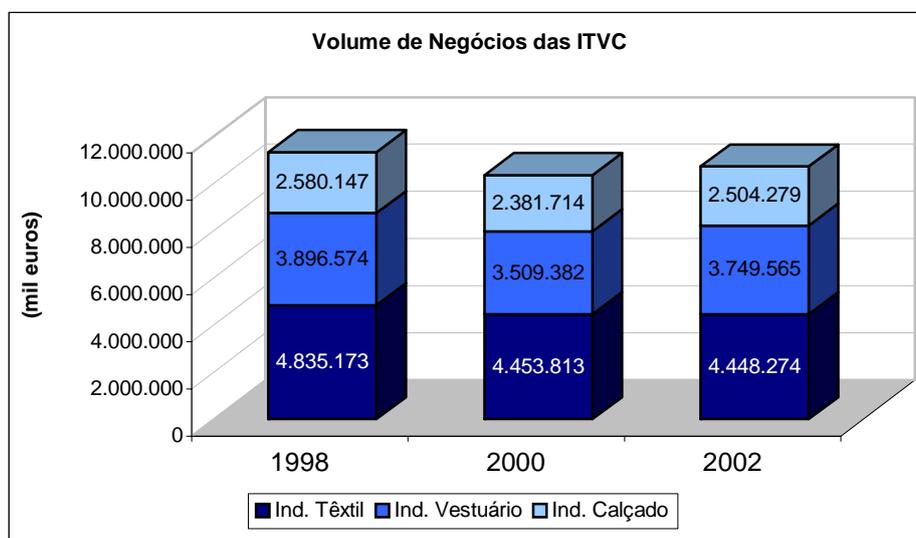
Fonte: Ministério da Segurança Social e do Trabalho (MSST)

Indicadores Económicos

Volume de Negócios

Em Portugal, ao longo dos últimos anos, Gráfico N° 14, constatou-se uma estagnação do crescimento do Volume de Negócios nas ITVC. No entanto, em 2002, o Volume de Negócios da ITVC ultrapassa os 10.000 milhões de euros.

Gráfico N° 14

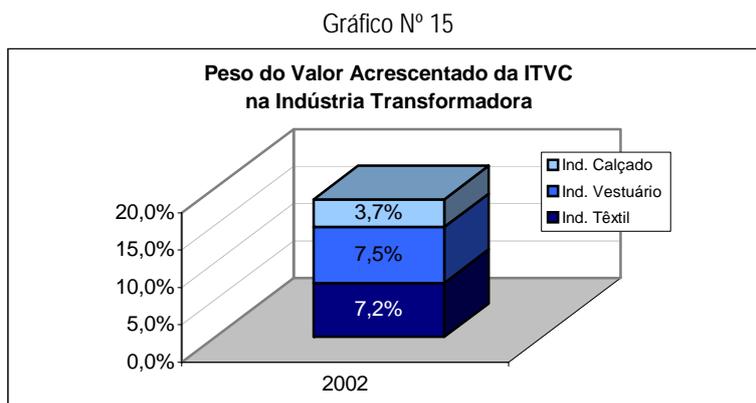


Fonte: Instituto Nacional de Estatística (INE), Estatísticas das Empresas

A ITVC representa cerca de 15,6% do Volume de Negócios da Indústria Transformadora nacional, sendo que 6,5% são gerados pela Têxtil, 5,5% pelo Vestuário, e 3,7% pelo Calçado.

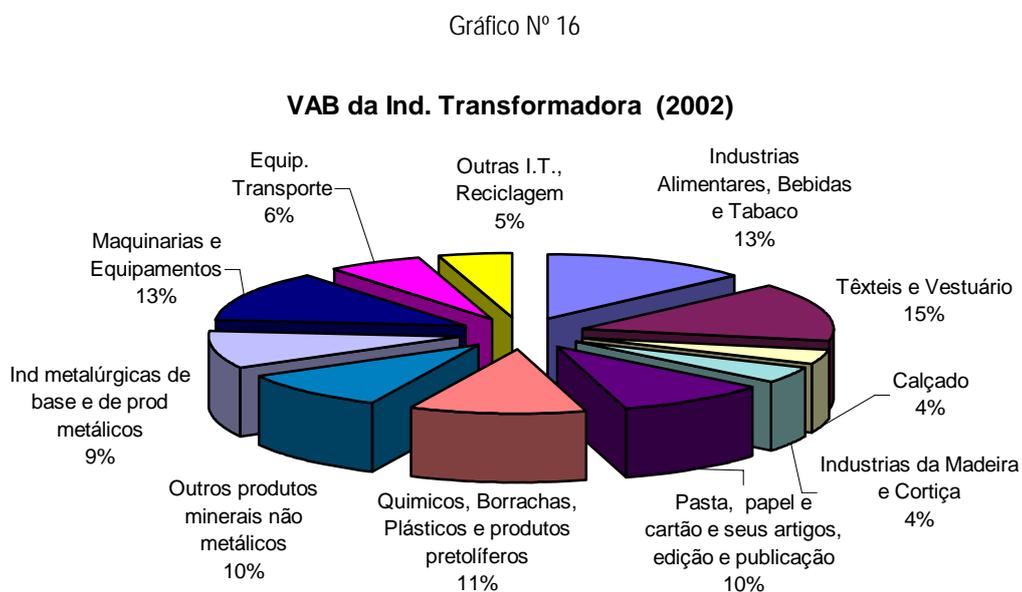
Valor Acrescentado

Quanto ao valor acrescentado, observamos nos últimos anos, um decréscimo do VAB gerado pela ITVC. Ainda assim, a ITVC representa cerca de 18,5% do VAB da Indústria Transformadora, Gráfico N° 15.



Fonte: Instituto Nacional de Estatística (INE), Estatísticas das Empresas

Analisando a distribuição do VAB gerado pelas diferentes indústrias que compõem a Indústria Transformadora, constata-se que as ITVC são as indústrias mais importantes no conjunto da Indústria Transformadora no que diz respeito ao contributo para o VAB, Gráfico N° 16.



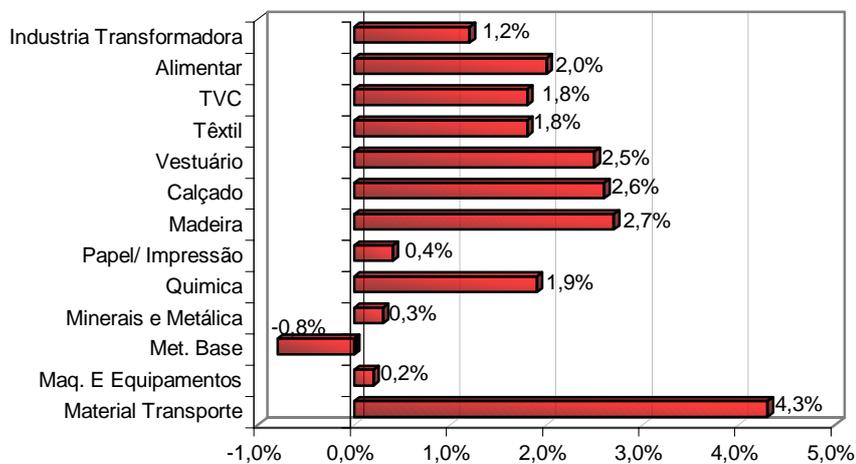
Fonte: Instituto Nacional de Estatística (INE), Estatísticas das Empresas

Produtividade

Analisando a evolução no longo prazo, entre 1980 e 1999, da produtividade, verifica-se que Têxtil observou aumentos de produtividade de quase 2% por ano, o Vestuário de 2,5% por ano e o Calçado de 2,6% ao ano, mantendo-se com um crescimento superior à média.

Gráfico Nº 17

Taxas de crescimento anuais médias da Produtividade (1980 - 1999)



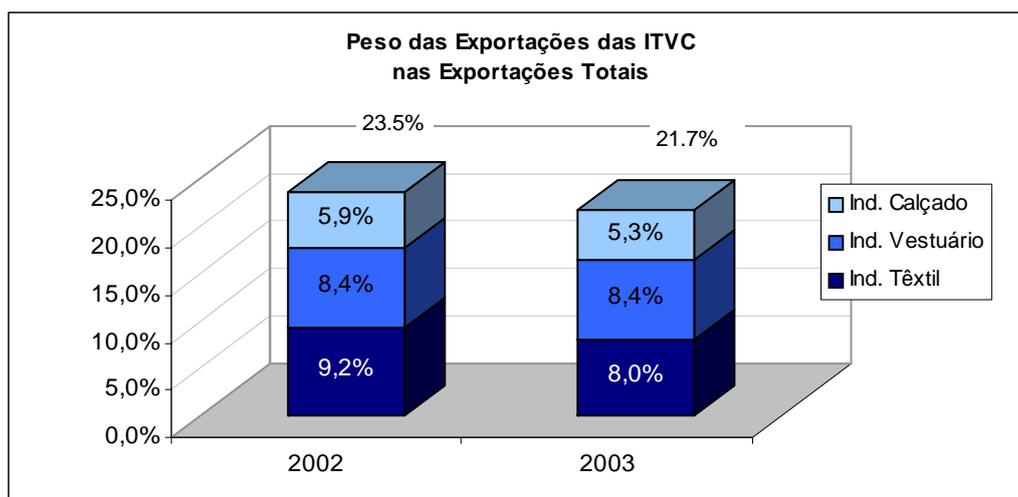
Fonte: Gab. Estudos FESETE

Comércio Internacional

Exportações das ITVC

A ITVC assume uma elevada importância em termos de comércio externo nacional, evidenciada designadamente pelo peso das exportações de ITVC no total das exportações nacionais. Com efeito, em 2003, as ITV representavam cerca de 21,7% das exportações totais nacionais, Gráfico N° 18. Importa referir que estas industrias dependem bastante da União Europeia, pois é o principal destino dos produtos de ITVC.

Gráfico 18



Fonte: Banco de Portugal

Importações e Exportações das ITV

Ao nível do comércio internacional, quer as importações, quer as exportações têm evoluído positivamente, embora o crescimento nos últimos anos tenha estagnado, Gráfico N° 19. Em 2003, e comparando com 2001 e 2002, quer as exportações, quer as importações diminuíram, comportamento este que não é alheio à instabilidade e falta de confiança que têm imperado nos mercados mundiais.

Gráfico 19



Fonte: Centro de Estudos Têxteis Aplicados (CENESTAP), A ITV em 2003

Uma análise desagregada entre Têxtil e Vestuário, ITV, indica-nos que o Vestuário envolve um maior valor de exportações relativamente à Têxtil.

O Quadro Nº 14 indica-nos a importância das diferentes categorias nas exportações totais da ITV, onde se observa que 43,3% das exportações de ITV são de Vestuário de Malha e 21,1% das exportações de ITV são de Vestuário de Tecido. Os produtos de Vestuário de Malha, bem como os artigos de lã, de algodão e filamentos sintéticos têm aumentado o seu peso relativo nas exportações de ITV, o que indica que a sua performance em termos de exportações tem sido positiva quando comparada com os restantes produtos.

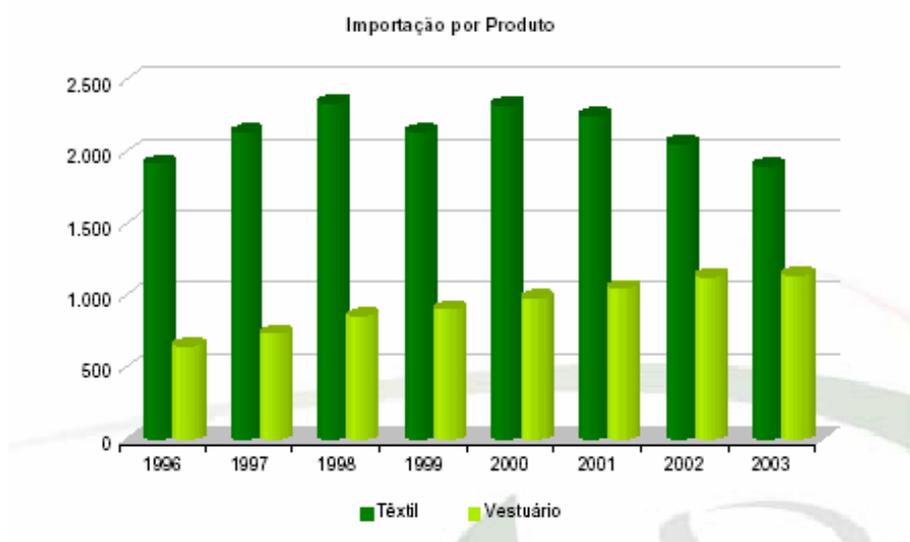
Quadro Nº 14

| Categorias | 1996 | 1999 | 2003 |
|---|--------|--------|--------|
| 50 Seda | 0,0% | 0,0% | 0,0% |
| 51 Lã, Pelos Finos ou Grosseiros; Fios e Tecidos de Crina | 1,6% | 2,0% | 2,3% |
| 52 Algodão | 4,6% | 4,2% | 4,4% |
| 53 Outras Fibras Têxteis Vegetais; Fios e Tecidos, de Papel | 0,0% | 0,1% | 0,1% |
| 54 Filamentos Sintéticos ou Artificiais | 1,1% | 1,2% | 1,4% |
| 55 Fibras Sintéticas ou Artificiais, Descontínuas | 4,2% | 4,9% | 3,8% |
| 56 Pastas (Quates), Feltros, etc; Artigos de Cordoaria, etc. | 2,6% | 2,5% | 2,8% |
| 57 Tapetes e Outros Revestimentos para Pavimentos | 0,8% | 1,0% | 1,3% |
| 58 Tecidos Especiais e Tufados; Rendas; Tapeçarias; Bordados | 0,6% | 0,5% | 0,8% |
| 59 Tecidos Impregnados Revestidos, etc; Artigos Usos Técnicos | 1,2% | 2,8% | 1,9% |
| 60 Tecidos de Malha | 0,5% | 0,6% | 0,8% |
| 61 Vestuário e seus Acessórios, de Malha | 38,7% | 38,7% | 43,3% |
| 62 Vestuário e seus Acessórios, Excepto de Malha | 30,1% | 25,3% | 21,1% |
| 63 Outros Artefactos Têxteis, Calçado, Chapéus; Trapos | 13,8% | 16,3% | 15,9% |
| Matérias Têxteis e suas Obras | 100,0% | 100,0% | 100,0% |

Fonte: Centro de Estudos Têxteis Aplicados (CENESTAP), A ITV em 2003

Em termos de importações, Gráfico Nº 20, tal com se afirmou anteriormente, os indicadores apontam também para uma diminuição nos anos mais recentes. Aqui, a Têxtil envolve um valor bastante superior de importações comparativamente ao Vestuário.

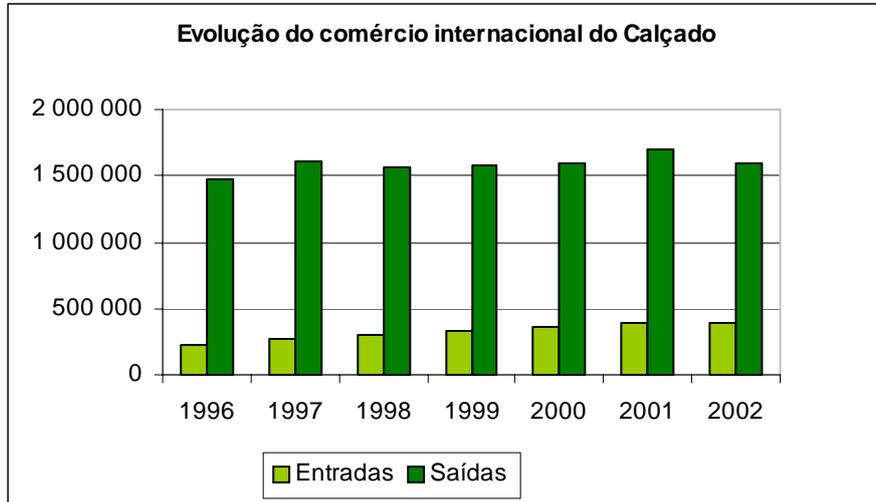
Gráfico Nº 20



Fonte: Centro de Estudos Têxteis Aplicados (CENESTAP), A ITV em 2003

Na indústria do Calçado, Gráfico N° 21, regista-se um crescimento ao longo dos anos, quer das exportações, quer da importações, sendo que as exportações superam largamente as importações.

Gráfico N° 21

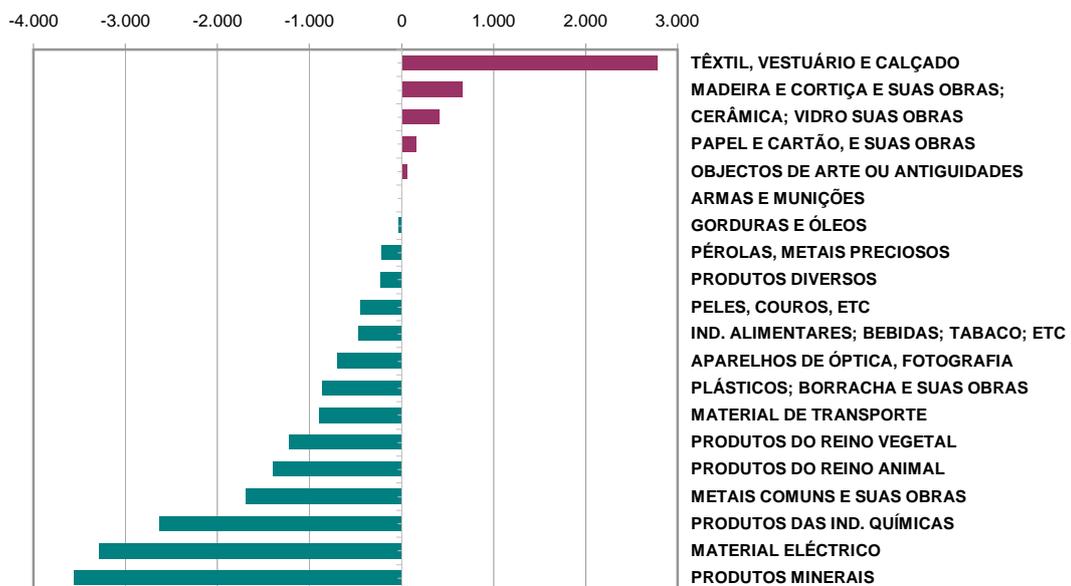


Fonte: Ministério da Economia, Gab. De Estratégia e Estudos (GEE), Estatísticas do Comércio Internacional-Séries Anuais

Em conclusão, as Exportações das ITVC, Gráfico N° 22, claramente superam as Importações, o que traduz um saldo comercial positivo, sendo este o mais favorável no conjunto da Indústria Transformadora.

Gráfico N° 22

Saldo Comercial por Sectores 2202 – milhões de €



Fonte: Programa Dínamo

No que respeita os parceiros comerciais na ITV portuguesa, Quadro N°s 15 e 16, destaca-se a Espanha como principal cliente e fornecedor de ITV de Portugal. Os principais fornecedores, para além da Espanha, são a Itália, a França e a Alemanha. Quanto aos nossos principais clientes, destacam-se também o Reino Unido, a França, a Alemanha e os EUA (que são os nossos principais clientes ao nível do Têxtil Lar).

Quadro N° 15

| Principais Fornecedores | % Importações da ITV |
|-------------------------|----------------------|
| 1º Espanha | 32% |
| 2º Itália | 14% |
| 3º França | 12% |
| 4º Alemanha | 11% |
| 5º Bélgica | 4% |
| 6º Reino Unido | 3% |
| 7º Países Baixos | 3% |
| 8º Índia | 2% |
| 9º Outros | 19% |
| Total | 100% |

Quadro N° 16

| Principais Clientes | % Exportações da ITV |
|---------------------|----------------------|
| 1º Espanha | 22% |
| 2º Reino Unido | 15% |
| 3º França | 14% |
| 4º Alemanha | 12% |
| 5º EUA | 6% |
| 6º Países Baixos | 5% |
| 7º Itália | 5% |
| 8º Suíça | 3% |
| 9º Outros | 18% |
| Total | 100% |

Fonte: Associação Têxtil de Portugal (ATP)

Contexto Actual

Fim do Acordo Multifibras nas ITV – Integração nas Regras da O.M.C.

Com o fim do Acordo Multifibras (AMF) que vigorou entre 1974 e 1994, iniciou-se um período de transição de dez anos (1995 a Dezembro de 2005), que levaria à integração das ITV nas regras da Organização Mundial do Comércio (OMC). A integração das ITV nas regras da OMC fez-se de forma progressiva, foram estabelecidas 4 etapas (Janeiro de 1995, Janeiro de 1998, Janeiro de 2001 e Janeiro de 2005), sendo liberalizado em cada etapa de forma crescente um cabaz de produtos das ITV. No que respeita às categorias de produtos mais importantes para Portugal a sua total liberalização deu-se em Janeiro de 2005. No que respeita ao sector do calçado e curtumes já há muito estão sujeitos às regras da OMC.

Entretanto em 2001 dá-se a entrada da China na O.M.C., situação não prevista no período em que se negociaram as fases de transição de dez anos para a integração das I.T.V. nas regras da OMC. Esta nova situação veio alterar de forma qualitativa e quantitativa o novo contexto do comércio mundial das ITV a partir de 1 de Janeiro de 2005.

Durante os dez anos do período de transição e até 2008 podem ser accionados pelo(s) país(es) importador(es) mecanismos de salvaguarda, as “cláusulas de salvaguarda” que permitem a aplicação de medidas de protecção selectivas e estão destinadas a impedir perturbações de grande escala no mercado. Ou seja, um país, a U.E., pode classificar um ou vários produtos importados de um país específico como uma ameaça à sua indústria nacional. Em tal situação pode solicitar à OMC a criação de obstáculos comerciais específicos aos produtos de um determinado país.

Podem ainda, no âmbito das regras da OMC, serem accionadas as medidas anti-dumping, as quais pretendem penalizar os países cujos custos dos seus produtos para a exportação são subfacturados. O exemplo mais recente são as medidas anti-dumping solicitadas pelos empresários do calçado europeus em relação ao calçado importado da China e Vietname.

Desde Janeiro de 2005, várias associações patronais e sindicais, pressionaram os governos, a Comissão Europeia, o Parlamento Europeu, para, face ao aumento substancial das importações de produtos das ITV da China, invocarem o accionamento de cláusulas de salvaguarda sobre várias categorias de produtos. No entanto a Comissão, nos seus diversos mandatos, sempre encarou as ITV como moeda de troca nas negociações multilaterais da OMC.

Assim os meses foram passando o aumento das importações continuavam a crescer e só em 10 de Junho foi concretizado um acordo entre a U.E. e a China que envolveram dez categorias de produtos, as quais representam cerca de 45% das exportações portuguesas. Em Setembro somos alertados para a existência de oitenta milhões de produtos chineses acumulados às portas da U.E., nas alfândegas, produtos de sete categorias que já tinham ultrapassado as quantidades máximas fixadas em Junho entre a U.E. e a China para o ano de 2005 (camisolas, calças, camisas, t-shirts, vestidos, soutiens e tecido). Em Portugal estavam retidas na alfândega 13,5 toneladas de tecido e roupas de mesa e mais de 425.000 camisas. O poder fortíssimo dos grandes distribuidores europeus, cuja influência chega à Comissão Europeia, fez-se sentir mais uma vez e esses produtos entraram no mercado europeu, por decisão da Comissão Europeia, com claros prejuízos e sérias consequências para o emprego e a produção europeia, beneficiando uma estrutura parasita de intermediários e distribuidores que se apropriam de uma parte importante do valor gerado nas ITV à custa da intensificação da exploração dos trabalhadores e sem benefícios significativos para os consumidores europeus.

Pontos Fracos e Pontos Fortes das ITVC Portuguesa

Com o aproximar do fim do período de transição para a integração das ITV nas regras da O.M.C., aumentou em Portugal o debate e a reflexão sobre as perspectivas futuras. Uns assistindo à fuga desenfreada das multinacionais e confundindo a árvore com a floresta, logo vaticinaram o fim das ITVC. Outros, omitindo a sua responsabilidade directa no atraso da inovação das empresas, as quais durante décadas só competiram pelo custo, numa matriz de baixos salários, garantem erroneamente, que se for possível baixar a retribuição, despedir sem regras e não pagar indemnizações aos trabalhadores é possível competir com a China, Marrocos, Paquistão.

Outros, ainda, nos quais nos incluímos, consideram que o período que atravessamos é difícil e de enorme complexidade e neste contexto é urgente e necessário agir nos diversos fóruns, empresas, a nível nacional, europeu e mundial, com o objectivo de incorporar normas sociais, ambientais e outras que impliquem combater diversas formas de dumping no Comércio Mundial por forma a que este seja ancorado na concorrência sã e na reciprocidade da abertura dos mercados, o que hoje não se verifica.

Tendo como ponto de partida um estudo prospectivo recente do Centro de Estudos Têxteis Aplicados (CENESTAP) às ITV, elencamos um conjunto de pontos fortes e pontos fracos às ITVC portuguesas:

| PONTOS FRACOS: | PONTOS FORTES: |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> • ITVC centrada na parte industrial • Fragilidades a montante: concepção, design, moda • Fragilidades a jusante: comercialização e distribuição <p>(industria assente na subcontratação, em produtos de baixa gama)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Dimensão comercial crítica e reduzida informação sobre os mercados • Baixos níveis de escolaridade e qualificação profissional <p>(quer ao nível dos trabalhadores, quer ao nível dos próprios empresários)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Falta de quadros intermédios e de quadros superiores • Fraca atractividade de jovens e trabalhadores qualificados <ul style="list-style-type: none"> ▪ Este modelo assenta em baixos salários e durante muito tempo utilizou a desvalorização da moeda como factor de competitividade <ul style="list-style-type: none"> • Ausência de parcerias das micro e pequenas empresas • Falta de Investimento em I&D • Insuficiência nas relações de parceria com Universidades, Centros Tecnológicos e Centros de Formação • Reduzido significado de produtos e marcas próprias • Incumprimento e impunidade das normas ambientais • Existência de focos de economia informal • Ausência de uma cultura de participação, diálogo e negociação por parte dos empresários • Imagem das ITVC negativa na sociedade portuguesa • Fragilidade de importantes regiões portuguesas face à dependência na ITVC. • Ausência de uma Política Industrial e Comercial sustentada para a ITV, quer por parte do Governo português, quer por parte da UE. | <ul style="list-style-type: none"> • Resposta rápida (pequenas séries) • Capacidades acumuladas ao nível da produção industrial e conhecimento ao nível tecnológico • Existência de empresas (de maior dimensão) que já assimilaram a necessidade de mudança • Tendência para estabelecimento de rede entre as médias e grandes empresas (que dominam toda a fileira) e as micro e PME • Proximidade geográfica dos mercados de referência • Existência de Centros Tecnológicos e Centros de Formação e Universidades que actualmente desenvolvem novos processos e produtos (por exemplo, têxteis técnicos) • Evolução da compreensão das Associações Patronais dos desafios que hoje se colocam às empresas face à globalização |

Uma análise à caracterização apresentada, em pontos fortes e pontos fracos, deixa claro como foi errada e condicionou o futuro das ITVC a estratégia seguida durante décadas, que apenas apostou na produção de baixa gama, na subcontratação e em recursos humanos desqualificados, abdicando das actividades a montante a juzante na cadeia de valor, como a investigação e desenvolvimento, a imagem e a marca, a comercialização e distribuição, a cooperação em rede, as qualificações e a motivação dos trabalhadores. Os próprios empresários têm níveis de escolaridade e qualificação baixos, o que condiciona uma visão no novo contexto das tendências e da evolução dos mercados.

Esta errada estratégia que perdurou durante décadas, apenas permitia captar, segundo os estudos do Programa Dínamo, cerca de 30% do valor gerado na cadeia do produto até ser adquirido pelo consumidor.

Este modelo que tem convivido numa de relação de proximidade com a chamada economia informal é o responsável pelos baixos níveis de produtividade quando comparados com as médias europeias.

Eixos de Intervenção Futura

Em Portugal, nos últimos tempos, Governos, patronato, analistas e fazedores de opinião, vêm afirmando que o modelo que sustentou o desenvolvimento nas últimas décadas está esgotado e que é necessário um outro modelo. Numa análise superficial a estas afirmações diríamos que a nossa mensagem de exigência de um novo modelo de desenvolvimento teria sido recebida pelo receptor e apesar dos atrasos, novas políticas iriam surgir para dar resposta às condicionantes do actual modelo. Mas rapidamente nos apercebemos que afinal não querem mudar, mas apenas reformular algumas dimensões do velho modelo e aprofundar outras como a tentativa recente para a redução da retribuição na vã esperança de que ainda é possível competir pelo preço com a China, a Índia, o Paquistão, Marrocos ou a Roménia.

Para a FESETE não há dúvidas de que o velho modelo das ITVC não garante o emprego ancorado em retribuições justas, em razoáveis condições de saúde, higiene no trabalho, no respeito pelos direitos contratuais e o desenvolvimento das regiões do País onde é relevante.

Neste contexto, propomos a mudança do modelo de desenvolvimento das ITVC através dos seguintes eixos de acção ao nível Europeu e Nacional:

1. Uma Política Industrial e Sectorial da União Europeia

A União Europeia terá de ter uma política muito clara para os Têxteis, Vestuário e Calçado, nas suas diversas vertentes:

- Do emprego global e das regiões
- Apoios financeiros às regiões mais desfavorecidas
- Comercial com os países terceiros no seio da OMC
- Industrial no apoio à modernização das ITVC

Visando evitar a destruição de centenas e milhares de postos de trabalho e tendo em conta as dependências das economias das regiões, sobretudo Portugal, as quais passam nomeadamente por:

- a) Reforço dos programas de formação e reconversão profissional, destinados aos trabalhadores no activo e aqueles que estão em vias de perder, ou perderam o seu emprego;
- b) Criação de programas destinados a apoiar as empresas, em particular as micro e PME's, auxiliando a sua adaptação às exigências no domínio do Ambiente, apoiando a Investigação e o Desenvolvimento de novas tecnologias, promovendo a Imagem e os Produtos Europeus nos mercados interno e externo;
- c) Reforço do combate à fraude, aos desvios de tráfico, ao dumping em todas as suas vertentes económica, social e ambiental e demais práticas distorcidas da concorrência com a implementação de medidas concretas destinadas a punir os prevaricadores que possam ser accionadas de forma rápida e eficaz;
- d) Respeito pelo princípio da reciprocidade em todas as negociações bilaterais com os países terceiros.
- e) Evocar as cláusulas de salvaguarda, as medidas anti-dumping e o interesse vital, quando se coloquem ameaças ou decisões que ponham em causa a nossa fileira produtiva.
- f) A União Europeia não pode deixar de insistir na negociação de cláusulas sociais e ambientais mínimas, para que se evite a concorrência "selvagem" que estamos a assistir, e que se vem reforçando.

2. Ao nível nacional é urgente:

- Apostar em novos factores de competitividade: Inovação, Qualidade, Design, Moda; de modo a solucionar o problema estrutural da presença concentrada em actividades de produção.
- Apoiar a formação dos empresários, em particular das micro e PME's, e a contratação de quadros técnicos.
- Investir, modernizar, alargar a cadeia de valor, para a criação de vantagens competitivas sustentadas seja uma realidade. Defender a fileira produtiva e de a maior incorporação na cadeia de valor, assumindo particular importância a aposta na distribuição e comercialização.
- Promover uma maior inter-relação entre a investigação (universidade e centros tecnológicos) e as empresas. De salientar, a aposta nos têxteis técnicos, e outros produtos com elevado cariz tecnológico e de inovação, que tem assumido cada vez maior importância comercial.

- Ajustar as competências, formar e incentivar os Trabalhadores. Tendo em conta as mudanças tecnológicas e a modernização dos processos produtivos que afectam o sector, é necessária uma melhor formação de mão-de-obra existente por forma a actualizar as suas qualificações e competências para ajudar os trabalhadores a adaptarem-se a novos ambientes de trabalho.
- Defender o Direito de participação das organizações sindicais. A reestruturação e modernização das empresas e dos sectores exige a participação activa e interveniente das organizações sindicais designadamente nas seguintes áreas: definição das necessidades do sector; definição das condições gerais de acesso aos apoios de reestruturação; conhecimento dos destinatários desses apoios, respectivos montantes e sua real aplicação; participação nos organismos de investigação e de formação profissional e a atribuição de um papel activo neste âmbito; acesso à informação e às estatísticas sobre os sectores.

Muito Obrigado pela vossa Atenção!

Lisboa, 11 de Novembro de 2005